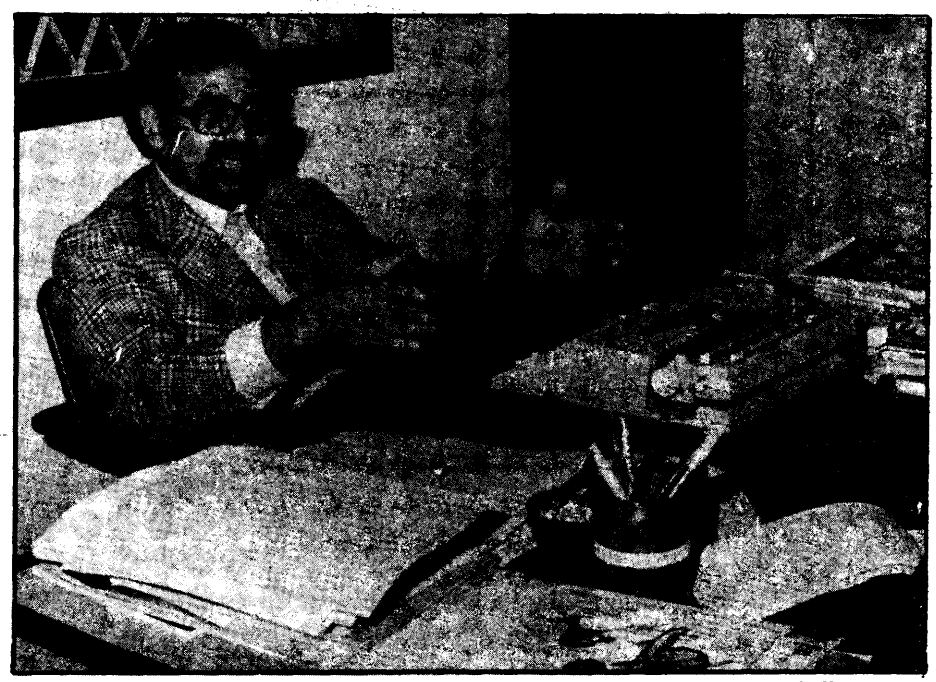
Raul Alves Calane da Silva, é o seu nome completo. Um homem robusto, alto e bastante sociável. É um dos Jornalistas de carreira mais longa da Informação Moçambicana. Hoje revela-se como poeta apesar de afirmar «que não sou um poeta mas sim um prosador». O seu livro intitula-se «DOS MENINOS DA MALANGA» e, como foi anunciado, foi editado pelos «Cadernos Tempo». É a-propósito dessa obra que procurámos Calane da Silva para uma entrevista.

No seu livro é o menino da Malanga já crescido que traduz em 64 páginas a vida de tantos meninos como ele, de outras Malangas, mergulhados numa longa noite colonial. O depoimento que se segue resulta da conversa tida com o autor e nela desfilou toda a sua vida. Eis o seu relato:

GENTE DA TERRA

Calane da Silva porque não poeta?

Depoimento recolhido
Ofélia Tembe
Fotos
Naíta [illegible]ene e Ar[illegible]



Calane da Silva no Jornal «Domingo», onde se encontra actualmente a trabalhar como Chefe de Redacção

Nasci em 1945 entre o Chamanculo e o Alto Maé. O meu pai era português, exilado pela monarquia e quando morreu eu só tinha 7 anos. A minha mãe era negra de Salamanga, filha de mãe negra e de pai indiano. Ela foi lobolada pelo meu pai e foi a sua terceira mulher.

Depois da morte do meu pai fomos socorridos por uma tia nossa apesar da minha mãe ser já vendedeira de peixe e camarão no bazar. Como outros meninos da Malanga, éramos sustentados para além do dinheiro da venda do camarão e peixe, pelo dinheiro que provinha da venda de bebidas tradicionais.

Passei a minha infância e tornei-me adulto no Bairro da Malanga, particularmente na zona de Mukhokweni. O bairro da Malanga era caracterizado por compondes de magaízas e de prostitutas. Apesar disso, havia muitas famílias a viverem lá. No bairro, apesar de muita pobreza havia solidariedade entre os vizinhos. Eram frequentes os incêndios e, nestes casos, não se esperava que os bombeiros viessem apagar o fogo porque normalmente demoravam muito a chegar. Nos casos em que morria alguém, também a família era apoiada em dinheiro e até em géneros de consumo.

«LICEU DA CAPULANA»

Tirei o meu quinto ano no antigo Liceu «António Enes» hoje Escola Secundária «Francisco Manyanga». É interessante que se afirmava que o Liceu «Salazar» hoje Escola Secundária «Josina Machel» era liceu da Polana e o antigo Liceu «António Enes» era o «Liceu da Capulana» como o próprio Reitor dizia, num jeito depreciativo.

A discriminação racial sentia-se na pele. Naquele liceu só andavam alguns pretos assimilados, mulatos classificados de 2.ª e 3.ª classes e brancos de 2.ª classe. Aos 17 anos concluí o meu quinto ano e empreguei-me como praticante de escritório a ganhar 950$00. Havia indivíduos brancos com a quarta classe a ganharem cinco mil escudos com a mesma categoria que eu. Embora estivesse empregado consegui concluir os 6.º e 7.º anos dos liceus.

Data dessa altura o meu início de compreensão do regime colonial e foi também por essa altura que comecei a fazer os meus primeiros versos.

Entrei para o Serviço Militar Obrigatório e apesar de ter uma boa constituição física e boas habilitações colocaram-me como amanuense no quartel de Nampula. Em Nampula reencontrei-me com velhos amigos e formámos uma «república» onde passámos a viver. Embora controlados pelo sistema do exército colonial, conseguimos

Calane da Silva a efectuar uma reportagem durante o tempo colonial quando trabalhava na revista «TEMPO»

«Com a formação da «TEMPO» em 1971, constituída por cinco profissionais que eram meus colegas, possibilita-se-me uma melhoria profissional e um engajamento na denúncia da opressão social exercida pelo colonialismo sobre o nosso povo.» — Calane da Silva, na imagem a dialogar com as populações durante o tempo colonial

desenvolver certas actividades políticas que se caracterizavam por um foco nacionalista que apesar de tudo existia em nós. Continuei a escrever poesia e lembro-me que rompendo um bocado com o «status quo» da zona resolvi, em 1968, fazer com a ajuda dos companheiros uma exposição de pintura e poesia ilustrada.

COMO SE TORNA JORNALISTA

Inscrevi-me num concurso para repórter que saíu no jornal «Notícias» e entre quarenta candidatos fiquei em primeiro lugar. Um pormenor a referir é que quando me inscrevi, pus o nome só português sem Calane.

Saí da tropa enquanto já trabalhava no «Notícias». A nossa casa continuava a ser na Malanga. Data dessa altura a demolição da casa de madeira e zinco. A demolição foi feita porque os colonos queriam os nossos terrenos e a indemnização foi apenas de cinco mil escudos para uma casa cuja construção foi de quarenta mil escudos. Portanto fomos «empurrados» mais para a zona do Chamanculo.

Mas, entretanto, como a minha irmã já se tivesse casado e o meu irmão já trabalhasse com os meus três mil escudos, juntámos esforços e requeremos um terreno na Matola onde fomos pedra a pedra construir uma casa de alvenaria, para onde mudámos pouco tempo antes do golpe de estado em Portugal.

NÃO SOU POETA MAS PROSADOR

Não deixei de fazer poesia apesar de ser um bocado preguiçoso para escrever poesia. Em cada roda de amigos solicito um mote, a partir dessa palavra faço um poema relativo à situação. Este meu estilo faz com que muitos poemas estejam espalhados por muitos amigos e alguns gravados. Posso dizer que estão do Rovuma ao Maputo.

Com a formação da revista «TEMPO», em 1971, constituída por cinco profissionais que eram meus colegas, possibilita-se-me uma melhoria profissional e um engajamento na denúncia da opressão social exercida pelo colonialismo sobre o nosso povo. Claro, em termos jornalísticos, muito limitada devido à censura oficial e mais tarde devido à administração capitalista dito liberal.

Conquistada a Independência e conquistada a liberdade de expressão, assisto e participo no grande salto qualitativo em termos profissionais e ideológicos.

Entretanto eu havia jurado que só casaria se o meu país estivesse independente e só depois da Independência é que me caso e venho viver na cidade urbanizada do Maputo.

Com a publicação do meu livro denominado «OS MENINOS DA MALANGA» espero que os meus amigos me devolvam alguns dos meus poemas para conseguir compilá-los e publicar um próximo livro. Mas sempre digo e insisto que não sou um poeta mas sim um prosador. Daí que a partir de agora e já com alguns capítulos escritos penso mandar editar nos princípios do próximo ano um romance. Romance esse, tal como a minha poesia, baseado em factos muito reais da nossa sociedade passada e presente.

Todos aqueles personagens descritos no meu livro são reais e muito pessoais. Há pessoas que inventam os temas da poesia mas eu busco na realidade de Mukhokweni onde nasci. Devia ter reformulado os meus poemas em temas de figuras de estilo, mas deixei-os tal e qual como os fiz na altura. No entanto não nego que devia ter mudado mas quis respeitar a própria palavra-história. □